

A PRESENÇA DA LIBRAS E DE LEGENDAS EM VÍDEOS DIDÁTICOS: A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES SURDOS

Eduarda Megumi Kawase¹
duda.kawase@gmail.com

Otávio Santos Costa²
otaviocosta@gmail.com

Cristina Broglia Feitosa de Lacerda³
cbflacerda@gmail.com

136

RESUMO

Os vídeos didáticos se constituem como uma realidade crescente no contexto da educação de surdos pela possibilidade de organizar em língua de sinais a exposição e a explicação dos conteúdos escolares, favorecendo a visualidade. Como tema recente e ainda pouco explorado, sobre imagem e visualidade na educação dos surdos nos baseamos em autoras como Campello (2008), Reily (2008), Lebedeff (2010), e Lacerda; Santos e Caetano (2013). O presente artigo tem como objetivo apresentar a análise de percepções de alunos surdos dos anos finais do Ensino Fundamental em relação à qualidade da Libras e de legendas presentes em vídeos didáticos produzidos por professores e tradutores intérpretes da língua de sinais em situação escolar. Realizou-se uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória e descritiva, utilizando técnica de Grupo Focal para coleta de dados. Os resultados salientam a importância da valorização de aspectos da Libras como mediadores para o entendimento do que está sendo transmitido nos vídeos e em relação às legendas, essas remetem ao tempo de exposição para a leitura, a fim de garantir o apoio na compreensão dos conteúdos expostos.

Palavras-chave: Educação Especial; Educação Bilíngue para Surdos; Tecnologias para Educação.

1 INTRODUÇÃO

Para que o indivíduo surdo usuário da Libras participe dos eventos sociais de maneira igualitária, como os demais cidadãos, é necessário o respeito à sua condição linguística, ou seja, o uso de uma língua viso-gestual e, ainda, a oferta de meios que explorem a visualidade, como por exemplo vídeos, que podem ou não estar acompanhados de legendas em Língua Portuguesa.

Tratando-se especificamente do campo da educação e da acessibilidade aos conteúdos escolares, no caso dos surdos, considera-se a educação bilíngue como a proposta mais adequada para favorecer seu desenvolvimento e aprendizagem, pois defende a língua de sinais como

¹ Professora da Rede Municipal de São Carlos - SP. Mestra em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos – São Carlos, SP - Brasil.

² Professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), e do Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Campus Matão. Doutor em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos - São Carlos, SP - Brasil.

³ Professora Doutora do Departamento de Psicologia - Programa de Pós-Graduação em Educação Especial (PPGEEs – UFSCar). Universidade Federal de São Carlos - São Carlos, SP - Brasil.

primeira língua e língua de instrução (BRASIL. Decreto nº 5.626, 2005). Através da língua de sinais, é possível estabelecer relações de comunicação social e com os conteúdos escolares e, conseqüentemente, criar condições para a apropriação dos conteúdos de maneira adequada (LACERDA; LODI, 2009).

Somando-se as questões da língua de sinais, outro aspecto necessário à aprendizagem dos surdos está nos usos estratégicos de imagens como: vídeos, filmes, fotografias, mapas, etc. (CAMPELLO, 2008).

No Brasil, a Educação Bilíngue para Surdos é definida pelo Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 que, entre outras orientações, a organiza, dispondo que na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental ela se desenvolva por intermédio de professores bilíngues, com a Libras assumindo o papel de língua de interlocução entre professores e alunos, mediando os processos escolares (língua de instrução). Faz-se necessário a presença da Língua Portuguesa na modalidade escrita, também como língua de instrução, uma vez que as atividades, textos, livros didáticos indicados para leitura são escritos em Língua Portuguesa (LODI, 2013).

Para os anos finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Profissional, segundo o Decreto nº 5.626/2005, Artigo 22, Inciso II, a Educação Bilíngue para Surdos precisa de “[...] docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa” (BRASIL, 2005).

Nessas duas últimas etapas, o acesso ao conteúdo dos materiais didático torna-se mais comprometida. O material didático mais recorrente nas escolas está em mídia⁴ impressa (ROJO, 2005). O predomínio da linguagem escrita nas mídias didáticas, nem sempre favorece a acessibilidade ao alunado surdo, pois relegam a segundo plano o uso dos recursos estratégicos de imagens.

Diferentes autores têm abordado a questão do uso de imagens na educação de surdos como tema recente e pouco explorado na literatura científica (REILY, 2008; LEBEDEFF, 2010; LACERDA; SANTOS; CAETANO, 2013). E se tratando da educação de todos, as críticas são recorrentes sobre o uso das imagens de maneira meramente ilustrativa, como auxílio para

⁴ Mídia é compreendida, para as finalidades deste artigo, como qualquer material que transmita informação ou mensagem, e no caso dos materiais didáticos (mídia didática) são preferencialmente difundidos, em nosso país, em formato de livros e manuais.

compreensão de textos verbais, não explorando suas potencialidades comunicativas (LEANDRO, 2001; OLIVEIRA, 2006, LEBLANC, 2012).

A fim de superar a falta de materiais didáticos que explorem as potencialidades da visualidade (LACERDA; SANTOS; CAETANO, 2013), professores e tradutores intérpretes de língua de sinais (TILS) que atuam em escolas com projeto de Educação Bilíngue para Surdos, têm elaborado, eles próprios, vídeos nos quais estão presentes a Libras e outras estratégias para tornar estes mesmos materiais acessíveis aos estudantes surdos.

A escolha da produção de vídeos apresenta-se como uma boa possibilidade de recurso visual, pois através deles é possível organizar, em língua de sinais, a exposição e a explicação de conteúdo. Conforme afirmam Lacerda, Santos e Caetano (2013, p.186) “para favorecer a aprendizagem do estudante surdo, não basta apenas apresentar os conteúdos em Libras, é preciso explicar os conteúdos de sala de aula utilizando toda potencialidade visual que essa língua tem”.

Com a proposta de contribuir para a investigação sobre a elaboração de materiais visuais na educação de surdos, este artigo traz os resultados de uma pesquisa que buscou compreender por meio das percepções de alunos surdos, aspectos relativos à qualidade de material produzido em escola campo de projeto bilíngue e levantar elementos que fazem ou/e podem fazer os vídeos em Libras se constituírem como recursos didáticos melhores.

2 PRODUÇÃO DE VÍDEOS COMO MATERIAL DIDÁTICO PARA ALUNOS SURDOS

A produção de vídeos caseiros se constitui elemento cultural da contemporaneidade. Diversos povos de diferentes lugares do mundo gravam e compartilham milhares de vídeos diariamente através de *smartphones* com acesso à *internet* (TORI, 2010). Como apontado por Costa e Martins (2017), o uso e produção de filmes passa a ser elemento cultural escolar e objeto de estudos científicos.

Podemos elencar alguns estudos sobre produção de vídeos como material didático para o trabalho com alunos surdos encontrados na Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações representantes desse universo e que se destacam pelo foco no uso da Libras, legendas em português e outros recursos visuais, com temas/conteúdos variados convergindo entre ele a concepção de que para proporcionar de maneira adequada à singularidade dos surdos as

possibilidades de aprendizagem, superando a escassez de materiais nesse formato, auxiliando a educação dos alunos surdos e também o trabalho dos professores.

Trata-se de dissertações de mestrado, defendidas entre os anos de 2016 e 2017 e abordam processos de produção de vídeos que assumem a perspectiva de educação bilíngue para surdos. Rosa (2016) realizou produção de videoaulas de matemática com o tema “Princípios fundamentais da contagem”, na qual apresenta o conteúdo em Libras e os enunciados dos problemas escritos em português, apoiado em imagens ilustrativas. O autor conclui que as videoaulas auxiliam os surdos na compreensão dos conteúdos e aos professores em sua prática (ROSA, 2016).

Na proposta de videoaulas desenvolvida por Horowicks (2016), o tema abordado foi artes e sustentabilidade, propondo projeto de reutilização de materiais recicláveis. A autora lançou mão de experimento estético visual na qual a janela de Libras correspondia a 50% do enquadramento do vídeo, dando destaque ao intérprete enquanto fazia explicações e demonstrações sobre o tema. Assim como Rosa (2016), Horowicks (2016) aponta as videoaulas como material mais adequado para esse público, e no auxílio de professores, que muitas vezes não possuem conhecimento em Libras.

Em sua dissertação, Carlos (2017) realizou a gravação de vídeos em Libras sobre o tema ‘parasitas’, abordados em aulas de Ciências. Os vídeos contêm perguntas e respostas de jogos de quebra-cabeças. A pesquisadora avaliou o conhecimento dos alunos surdos sobre parasitoses aplicando um teste antes e depois das aulas com os jogos, os testes mostraram que houve maior assimilação do conteúdo pelos alunos após o uso das estratégias e materiais utilizados (CARLOS, 2017).

Na proposta de Ferreira (2017) foram produzidos vídeos em Libras para alunos da Educação Infantil, para contação de histórias e brincadeiras de roda. Com a tela dividida ao meio verticalmente, em uma parte ocorria a sinalização da história, e na outra, imagens relacionadas a história. A partir da utilização desse tipo de ferramenta, a autora observa maior atenção das crianças e a ampliação de vocabulário em Libras.

A dissertação de Sá-Lima (2016) apresenta elaboração de videoaulas como recurso facilitador e mediador no ensino de Ciências que foram avaliados por surdos e ouvintes fluentes em Libras. Após os apontamentos dos participantes que avaliaram o material, a videoaula foi reelaborada com alterações em aspectos como localização da janela de Libras, melhor enquadramento do intérprete, disposição de imagens, utilização de cores e contrastes, e tamanhos das legendas.

O recurso de legenda foi revisto e disponibilizado como recurso opcional, que pode ser ativado caso houver interesse do usuário. Para Sá-Lima (2016) a pesquisa demonstrou que a ferramenta desenvolvida atendeu as demandas dos estudantes surdos, mas chama a atenção para a simultaneidade de sincronização de legendas e imagens de modo que não concorram em tempo de visualização.

Os estudos apresentados são unânimes em afirmar que os vídeos produzidos dedicados ao ensino de surdos foram profícuos para a compreensão dos conteúdos, assumindo escolhas estéticas que favoreçam a visualidade.

O trabalho de Sá-Lima (2016) nos traz uma importante contribuição para a discussão desse tema: a avaliação de surdos sobre o material produzido. As iniciativas de grupos de professores e intérpretes na produção de vídeos em Libras visando superar a falta de material didático, muitas vezes demanda desses profissionais esforços em direção a adquirir habilidades técnicas e conhecimentos que não necessariamente faz parte de sua formação. Em seu estudo, Sá-Lima (2016) teve seu material avaliado por membros da comunidade surda adultos fluentes em Libras, o que, segundo a autora, qualificou sua produção. A avaliação de pessoas adultas em diferentes níveis de escolaridade contribuiu para o trabalho de Sá-Lima (2016), mas qual seria a percepção de alunos surdos sobre materiais produzidos nessas condições?

Posto isto, questionamos quais contribuições traria a avaliação de alunos surdos da segunda etapa de Ensino Fundamental sobre material didático produzido na escola?

2.1 PERCURSO METODOLÓGICO

Procedemos uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória-descritiva que buscou compreender e analisar as percepções de alunos surdos dos anos finais do Ensino Fundamental em relação à qualidade da Libras e legendas presentes nos vídeos didáticos produzidos pelos professores e tradutores intérpretes da língua de sinais da escola campo de pesquisa.

Como procedimentos e instrumentos de coleta de dados utilizou-se a técnica de Grupo Focal, na qual consegue-se compreender opiniões e percepções diferentes de um grupo de pessoas que compartilham entre si algo em comum, e, conforme seu funcionamento, permite que as ideias das pessoas que formam o grupo possam ser partilhadas, influenciando uns aos outros (GATTI, 2012).

Participaram desse estudo estudantes surdos de duas escolas, nas quais se desenvolve Programa de Educação Bilíngue para Surdos no interior do estado de São Paulo. Os participantes foram divididos em dois grupos, um por escola, conforme quadro a seguir.

Quadro 1 – Dados dos participantes

	NOME FICTÍCIO	IDADE	CURSANDO
Escola A Grupo 1	Gaby	11 anos	7º ano
	Yuri	15 anos	6º ano
	Luciana	16 anos	8º ano
	Murilo	16 anos	9º ano
	Breno	16 anos	9º ano
Escola B Grupo 2	Augusto	17 anos	9º ano
	Rodolfo	17 anos	9º ano
	Marcos	17 anos	9º ano
	Sabrina	18 anos	9º ano
	Amanda	18 anos	9º ano
	João	18 anos	9º ano
	Gustavo	19 anos	9º ano

Fonte: Elaboração pelas autoras, (2021).

Foram realizados dois Grupos Focais, um com a Escola A- Grupo 1 e outro com a Escola B – Grupo 2, nos quais foram exibidos trechos de 3 a 5 minutos de diferentes vídeos produzidos por professores, TILS e estagiários das escolas campo da pesquisa. O conteúdo dos vídeos era constituído de diferentes temas, a saber: Literatura, Química e Perigo dos vícios. As coletas de dados em ambas as escolas ocorreram no horário da aula de Língua Portuguesa como segunda língua, mediante acordo e interesse das professoras da disciplina.

Os Grupos Focais foram conduzidos pela própria pesquisadora e com a presença de um Tradutor Intérprete de Libras que mediou a comunicação entre a pesquisadora e os participantes.

Para a condução dos Grupos Focais, a pesquisadora utilizou um roteiro pré-elaborado com tópicos a fim de nortear a discussão dos grupos. O roteiro esteve aberto a mudanças, e os encontros foram conduzidos conforme as discussões surgidas no decorrer dos Grupos Focais. As sessões dos Grupos Focais foram gravadas em vídeo e transcritas pela pesquisadora apoiada

na tradução feita pelos TILS que participaram da mediação da comunicação nos grupos, o que favoreceu sua interpretação e garantiu a confiabilidade dos dados.

Os dados foram organizados e analisados com base na técnica de visualização proposta por Spink e Lima (2013), na qual são elaborados “Mapas de associação de ideias”, que têm o duplo objetivo de subsidiar o processo de interpretação e dar visibilidade aos resultados. Optamos por realizar o mapa de ideias a partir de contrastes de cores. Os resultados e discussões apresentam-se a partir de duas unidades de análise, a percepção dos alunos sobre o uso da Libras e sobre o uso de legendas nos vídeos.

Sobre o uso da Libras, destacam-se aspectos que emergiram nas enunciações presentes dos estudantes surdos, que apontam principalmente para a percepção da qualidade da língua de sinais. Conforme Harrison (2013, p. 31) esses aspectos da língua “são produzidos por movimentos das mãos, do corpo e expressões faciais em um espaço à frente do corpo”. Os estudantes surdos, reconhecem nos vídeos uma língua de sinais adequada, compreensível e de boa qualidade. Ressalta-se que os estudantes surdos muitas vezes têm que conviver no espaço escolar com usuários não fluentes em Libras. Neste sentido, encontrar no vídeo uma língua de sinais expressa satisfatoriamente para fins de compreensão é destacado por eles como algo relevante.

Os dois vídeos apresentados no tema de ‘Literatura’ tinham como enunciador um instrutor surdo, usuário fluente tendo a Libras como primeira língua. Sua enunciação faz com que o discurso seja produzido com mais autonomia e confiança, apesar de considerarmos que uma boa fluência na língua de sinais não seja exclusividade apenas de indivíduos surdos.

Em relação ao elemento expressões não manuais, que compõe a língua de sinais, ressaltamos o comentário do estudante Gustavo:

[...]o surdo é visual, ele gosta de olhar, ele gosta de ver a expressão forte, o surdo é bem visual, ele combina os sentimentos, com a língua de sinais e a expressão (Escola B – Grupo 2).

O trecho da fala do Gustavo nos mostra o quanto é importante a presença das expressões não manuais no enunciado em Libras, expressões essas que envolvem os movimentos da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco (GOES; CAMPOS, 2013). A presença das expressões não manuais na língua de sinais não são meros adereços da língua, elas marcam momentos imprescindíveis para o entendimento do que está sendo dito e é necessário estar atento a esses momentos, conforme nos apontam Goes e Campos (2013, p. 79):

Precisamos estar atentos às expressões faciais e corporais que são feitas simultaneamente com certos sinais ou com toda a frase. Por exemplo, quando transmite a mensagem afirmativa por meio da língua de sinais, as sobrancelhas e expressão ficam neutras e a cabeça se movimenta para cima e para baixo; quando é interrogativa, as sobrancelhas são franzidas e há um ligeiro movimento de cabeça, inclinando-se para cima; quando é exclamativa, as sobrancelhas estão levantadas e ocorre um ligeiro movimento de cabeça, inclinando para cima e para baixo (GOES, CAMPOS, 2013, p. 79).

Estar atento à presença das expressões não manuais na língua de sinais é de extrema importância, tanto para quem recebe a informação, a fim de compreender o que está sendo dito, quanto para quem está enunciando, seu uso é imprescindível.

Ainda compondo os aspectos da língua, os estudantes comentaram sobre a presença da datilologia (soletração manual) em diferentes momentos dos vídeos:

Breno: Eu achei que tem muita soletração, muito rápida, eu não consegui entender.
Luciana: Ela soletra com as duas mãos, difícil entender. Não é bom. Ela faz sinal de 'normal' e de 'sal', muito rápido, não entendi.
Yuri: Também não entendi (concorda com Luciana).
Breno: Acho que se ela soletrasse mais calmo seria melhor, não tem problema ser devagar (Escola A – Grupo1).

O alfabeto datilológico/manual ou datilologia está inserido na língua de sinais como um de seus componentes. A partir dele é possível soletrar 27 diferentes letras por meio da mão (GOES; CAMPOS, 2013). Apesar de os estudantes comentarem o uso da datilologia feita de maneira rápida pelos enunciadores dos vídeos, seu uso na maioria das vezes se dá para referir-se a nomes próprios e/ou para termos técnicos da área de química que não possuem sinais correspondentes. Conforme exemplificam Goes e Campos (2013, p. 71):

Na interação entre pessoas usuárias da língua de sinais, ele é utilizado para soletrar nomes próprios de pessoas ou lugares, siglas, elementos técnicos, palavras que ainda não possuem sinais correspondentes, ou em algumas situações de empréstimo de palavras da língua portuguesa, lembrando que cada formato de mão corresponde a uma letra do alfabeto do português ou não (GOES, CAMPOS, 2013, p.71).

Nascimento (2009, p. 59) discorre que “as lacunas lexicais e terminológicas são preenchidas nas mais diferentes línguas da modalidade oral-auditiva, grosso modo, por **empréstimo ou por construção**” (grifo da autora). A autora afirma ainda que a datilologia, além de recorrente, é uma das principais fontes de empréstimos das línguas orais para as línguas de sinais.

O uso da datilologia é comum, e por mais que os estudantes surdos se queixem desse componente da língua de sinais, devem estar preparados para se depararem com ele. No entanto, faz-se necessário trabalhar os significados dessas palavras emprestadas de outras línguas.

Como opção para trabalhar esses significados das palavras desconhecidas pelos estudantes surdos e que não possuem um sinal específico, a descrição imagética apresenta-se como um bom recurso. Segundo Campello (2008, p. 152), na descrição imagética têm-se como objetivo:

captar sinais visuais, ampliar e exercitar as capacidades mentais e visuais para se comunicar com os Surdos. Todo e qualquer recurso que for utilizado para ajudar na comunicação, a compreensão dos conceitos deverão ser aplicados com naturalidade, e não para modifica-los, mas para auxiliar na compreensão e tradução gramatical visual (CAMPELLO, 2008, p. 152).

Ainda sobre o uso da Libras, Luciana e Augusto falam sobre a presença da Língua Portuguesa no discurso, ou seja, o enunciador ao sinalizar remete à pessoa fluente em Libras a um discurso em língua de sinais que segue a ordem da construção frasal da Língua Portuguesa. Essa construção na língua de sinais ‘presa’ ao português pode interferir negativamente na compreensão dos conteúdos tratados.

Conforme apontam os trabalhos de Cozendey (2013) e Basso e Capellini (2012), consideramos que a elaboração de um roteiro prévio seja muito oportuna. Neste roteiro pode estar previsto o que será gravado, as adaptações das enunciações do português para a Libras e vice-versa, visando um melhor resultado final.

Em relação ao uso de legendas, que nos vídeos em Libras têm o papel de apoiar o entendimento das informações que são narradas em Libras, são complementares, mas podem ter grande importância para os objetivos didáticos dos vídeos.

A mediadora perguntou aos participantes surdos se eles conseguiram ler as legendas. Os comentários seguem:

Gaby, Breno e Yuri acenam que não com a cabeça.

Gaby: Às vezes, não dá tempo, eu ia ler e já tinha acabado, eu não consigo ler rápido. É melhor devagar (Escola A – Grupo 1).

Marcos: Por exemplo, a letra eu li, mas apagou muito rápido, eu não consegui ler tudo (Escola B – Grupo 2).

Gustavo: É igual ao filme, você vai ler e não consegue acompanhar, é muito rápido, mesmo na legenda de qualquer outra coisa, isso é muito ruim, precisava de mais tempo para a gente acompanhar a leitura, aí sim mudar a tela. Igual aos filmes também é assim, o surdo não consegue acompanhar a legenda de filme, então presta a atenção mais nas imagens, aqui também, precisava de um tempo maior pra gente ler, pra depois mudar” (Escola B – Grupo 2).

Segundo Nascimento (2014), no trabalho com legendas a elaboração requer consciência da intencionalidade, planejamento e adequação. Além disso, posteriormente à elaboração as legendas precisam ser revistas e avaliadas. Esses são parâmetros e delimitações que devem ser seguidos para que o texto seja adequado à leitura do espectador. Contudo, o tempo de exposição

da legenda ao leitor foi uma questão bastante pontuada pelos estudantes surdos que não conseguiram ler as legendas apresentadas. Ainda de acordo com Nascimento (2014, p. 197), as legendas devem seguir um padrão de velocidade de leitura.

A velocidade mais utilizada é a de 145 palavras por minuto, o que rende uma média de 15 caracteres por segundo, velocidade de leitura considerada baixa, mas adequada aos padrões brasileiros. Portanto, se há uma fala que dure um segundo e vinte frames, é possível inserir 25 caracteres de legenda. Caso o legendista ultrapasse esse número, corre o risco de a legenda não ser lida por completo pelo espectador. Se a fala do personagem for superior a essa quantia, faz-se necessária a condensação da fala. Importante ressaltar que a condensação da legenda só é feita se necessária; quando há espaço suficiente para retratar os diálogos, o ideal é mantê-los fiéis à obra audiovisual. Caso haja necessidade, porém, o legendista pode utilizar-se de omissões de palavras e/ou ideias redundantes, reformulações de frases confusas, explicitações de conceitos possivelmente desconhecidos pelo espectador, paráfrases, etc (NASCIMENTO, 2014, p. 197).

Além das orientações citadas, há também a regra estabelecida pela Norma Brasileira 15.290/2005 que indica que o tempo de exposição deve seguir à velocidade da fala, as quantidades de palavras, de cortes de cena, etc. De acordo com a NBR 15.290 (2005, p. 06-07) seguem as seguintes recomendações de exposição a legendas:

- a) legendas de uma linha completa – devem ser expostas por 2 s e tempo máximo de exposição de 3 s;
- b) legendas de duas linhas – devem ser expostas por 3 s;
- c) legendas de três linhas – devem ser expostas por 4,5 s a 5 s;
- d) legendas para o público infantil – o tempo de exposição deve ser de 3 s a 4 s por linha completa. Para esse público específico, as frases devem ser simples e concisas (NORMA BRASILEIRA 15.290, 2005, p. 06-07).

No caso das produções de vídeos em Libras, no momento da elaboração das legendas, presumimos que elas acompanhem o tempo de sinalização do enunciador da mensagem e os produtores dos vídeos necessitam pensar como irão planejar a escrita dessa legenda, pois o domínio do português escrito nem sempre é pleno entre os estudantes surdos, e eles podem apresentar maiores dificuldades dependendo do léxico escolhido, além do fato de a legenda voltada à Libras competir com a atenção dos estudantes.

A Língua Portuguesa é ensinada para esses estudantes como segunda língua, na modalidade escrita, conforme os princípios da educação bilíngue. Pressupomos que os estudantes surdos veem na Língua Portuguesa uma forma de estarem inseridos na cultura e informação do país onde moram. Por isso, a importância de ela fazer parte dos conteúdos nos vídeos didáticos.

Os alunos surdos destacam ainda a Língua Portuguesa como complemento para o entendimento das imagens ou datilologia que aparecem nos vídeos e vice-versa, dando a

entender que quanto mais elementos estiverem presentes, trabalhando para a construção dos significados, mais esclarecedor será o vídeo.

Para além dessas considerações, os estudantes apontam dicas de como eles esperam que as legendas devem ser utilizadas nas produções didáticas:

Gustavo: Sim, precisa de legenda sim, o surdo precisa tá lendo o português, mas a legenda não pode ser rápida. A Libras tem que ser calma e a legenda sempre vir antes da Libras, pra dar tempo de acompanhar, porque se colocar a Libras com a legenda eu não sei pra onde olhar, não dá!

Augusto: Eu concordo com o Gustavo e o professor já explicou isso, às vezes demora. Primeiro vem a legenda e depois aparece a língua de sinais, então você lê primeiro e depois aparece a pessoa sinalizando, como no vídeo de literatura.

Gustavo: Precisa soletrar e precisa ter a legenda em português, porque ajuda, pois cansa ela soletrar a mesma coisa, poderia colocar uma sequência de palavras e ela ir apontando e mostra, por exemplo, 3º...4º...mostra do lado e faz a mistura, por que ficar soletrando toda hora fica cansativo.

Augusto: Eu concordo com ele, por exemplo, ela soletra e o surdo fica olhando aquilo e se ele for tentar copiar alguma palavra, ele não vai conseguir e vai ter que ficar voltando o vídeo, se tivesse o português ficava mais fácil copiar, ajudaria a copiar mais rápido, porque ficar copiando palavras em datilografia é complicado.

Amanda e Gustavo concordam com o Augusto. (Escola B – Grupo 2).

As percepções dos estudantes em relação a legenda indicam que ela deve ter um maior tempo de exposição para leitura, anteceder o enunciado em Libras sem competir com a atenção visual e aparecer na tela em momentos de uso da datilografia apoiando a compreensão do espectador.

Em suma, para a legenda salientamos a existência de normas que estabelecem como elas podem melhor servir aos seus usuários, apresentando-se como um guia a ser consultado, porém no caso dos surdos faz-se necessário ainda repensar o tempo e a forma como serão apresentadas em vídeos didáticos, para que elas possam servir cada vez mais como apoio ao entendimento dos conteúdos.

3 CONCLUSÕES

O presente estudo teve como objetivo compreender e analisar as percepções de alunos surdos dos anos finais do Ensino Fundamental em relação à qualidade da Libras e legendas presentes nos vídeos didáticos produzidos pelos professores e tradutores intérpretes da língua de sinais da escola campo de pesquisa.

As análises sobre as percepções dos estudantes surdos a respeito de como a Libras e a legenda em vídeos que são utilizados como recursos didáticos voltados a eles, trouxeram-nos algumas respostas a fim de sanar dúvidas neste campo. Contudo, não se esgotam as

possibilidades de outras análises e percepções que possam surgir nessa mesma temática, a fim de movimentar ainda mais as discussões e repensar os modos de como produzir e o que exigir de vídeos didáticos em relação a Libras e legenda.

Sobre a Libras, as percepções dos estudantes nos mostram como a qualidade da língua é importante para o entendimento do que está sendo assistido, essa qualidade é apontada conforme a análise como um conjunto de requisitos – mãos, corpo, espaço e expressões. Quem produz os vídeos deve atentar-se que eles se destinam a estudantes surdos, que necessitam aprender algo, sendo assim, os vídeos além de didáticos precisam ser compreensíveis em relação à Libras.

Já em relação à legenda, as análises mostram principalmente a percepção dos alunos em relação ao tempo de exposição. Salientam a importância de se repensar esse tempo para que a leitura seja feita, e ainda apontam a importância dessa legenda não só para eles surdos, mas também para ouvintes que queiram ou estejam aprendendo Libras (indicando outras possibilidades de uso destes vídeos). A legenda é vista como um complemento à Libras, em certos momentos dos vídeos (uso da datilologia, por exemplo) e foi valorizada pelos participantes da pesquisa.

Evidencia-se que a libras e a legenda são elementos que trabalham juntos para a compreensão de um conteúdo e/ou informação nos vídeos didáticos para surdos. Juntos e com os ajustes necessários apontados pelos estudantes surdos nesse estudo, os vídeos podem ser recursos que atendam e subsidiem a aprendizagem deles, respeitando sua singularidade linguística. Ademais as opiniões dos estudantes surdos dão subsídios para futuras produções (amadoras ou não), visando a construção de mídias didáticas adequadas.

THE PRESENCE OF LIBRAS AND SUBTITLES IN DIDACTIC VIDEOS: THE PERCEPTION OF DEAF STUDENTS

ABSTRACT

Didactic videos are becoming a growing reality in the context of deaf education due to the possibility of organizing the exposure and explanation of school contents in sign language, favoring visuality. As a recente and still little theme, on image and visuality in the education of the deaf we are based on authors such as Campello (2008), Reily (2008), Lebedeff (2010), and Lacerda; Santos and Caetano (2013). This article aims to present the analysis of perceptions of deaf students in the final years of elementary school in relation to the quality of Libras and subtitles present in didactic videos produced by teachers and sign language interpreters in

school situations. A qualitative research of exploratory and descriptive nature was carried out, using the focus group technique for data collection. The results highlight the importance of valuing aspects of Libras as mediators for understanding what is being transmitted in the videos and in relation to the subtitles, these refer to the exposure time for reading, in order to guarantee support in understanding the contents exposed.

Keywords: Special Education; Bilingual Education for Deaf; Technologies for Education.

REFERÊNCIAS

ABNT, **NBR. 15.290**. Acessibilidade em Comunicação na Televisão. Rio de Janeiro, 31 out., 2005.

BASSO, S. P. S.; CAPELLINI, V. L. M. F. Material didático para estudantes surdos: A literatura infantil em Libras. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos. v. 6, n. 2, p. 491-512, nov., 2012. Disponível em:
<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/417>. Acesso em: 08 jul. 2020.

BRASIL. 2005. **Decreto nº 5626**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 22 dez. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm Acesso em: 08 jul. 2020.

CAMPELLO, A. R. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. 2008. 245 p. Tese (doutorado), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Disponível em:
<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91182> Acesso em: 08 jul. 2020.

CARLOS, H. C. **Atividades lúdicas no processo de ensino e aprendizagem de surdos e deficientes auditivos sobre parasitoses intestinais**. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) - Universidade Federal Fluminense, Niterói. Disponível em:
<http://cmpdi.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/186/2018/08/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Helo%C3%A1CaramuruCarlos.pdf> Acesso em: 10 jul. 2020.

COSTA, O. S.; MARTINS, V. R. O. **As relações entre cinema e educação especial em teses e dissertações**: um estudo de revisão sistemática. *Educação, Cultura e Sociedade*, v. 7, p. 297-309, 2017. Disponível em:
<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/educacao/article/view/2713/0> Acesso em: 10 jul. 2020.

COZENDEY, S. G. **A Libras no ensino de leis de Newton em uma turma inclusiva de ensino médio**. 2013. 149 p. Tese (doutorado), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2906> Acesso em: 10 jul. 2020.

FERREIRA, A. T. S. **Cultura corporal do movimento**: cinco cantigas de roda para alunos surdos. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) - Universidade Federal Fluminense, Niterói. Disponível em: <http://sga.sites.uff.br/wp->

[content/uploads/sites/186/2018/08/ALESSANDRA-TELES-SIRVINSKAS-FERREIRA.pdf](#)
Acesso em: 10 jul. 2020.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2012.

GOES; A. M.; CAMPOS, M. L. I. L. Aspectos da gramática da Libras. In: C. B. F. de LACERDA; L. F. dos SANTOS (eds.), **Tenho um estudante surdo, e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. 1. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2013. p. 65-80.

HARRISON, K. M. P. Libras: apresentando a língua e suas características. In: C. B. F. de LACERDA; L. F. dos SANTOS (eds.), **Tenho um estudante surdo, e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. 1. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2013. p. 27-36.

HOROWICZ, N. B. Videoaulas sobre artes em Libras: ferramentas para o fomento da criatividade e sustentabilidade. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) - Universidade Federal Fluminense, Niterói. Disponível em: <http://cmpdi.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/186/2018/08/Disserta%C3%A7%C3%A3o-NoemiBenequesHorowicz.pdf> Acesso em: 10 jul. 2020.

LACERDA, C. B. F. de.; LODI, A. C. B. Ensino-aprendizagem do português como segunda língua: um desafio a ser enfrentado. In: A. C. B. LODI; C. B. F. de LACERDA (eds). **Uma escola duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. Porto Alegre: Mediação, 2009. p. 143-160.

LACERDA, C. B. F. de.; SANTOS, L. F. dos.; CAETANO, J. F. Estratégias metodológicas para o ensino de estudantes surdos. In: C. B. F. de LACERDA; L. F. dos SANTOS (eds.), **Tenho um estudante surdo, e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. 1. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2013. p. 185-200.

LEANDRO, A. **Da imagem pedagógica à pedagogia da imagem**. Comunicação & Educação, (21), 29-36. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i21p29-36>

LEBLANC, P. B. Imagem e educação. In: **MULTIRIO**. A escola entre mídias: linguagens e usos / Multirio. Rio de Janeiro, 2012.

LEBEDEFF, T. B. **Aprendendo “a ler” com outros olhos: relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos**. Cadernos de Educação, Pelotas, v. 36, p. 175-196, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1606/1489> Acesso em: 10 jul. 2020.

LODI, A. C. B. **Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto nº 5.626/05**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 39, n. 1, p.49-63, jan-mar. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022013000100004>. Acesso em: 08 jul. 2020.

NASCIMENTO, A. K. P. do. **Abordagem processual da escrita na composição de legendas**. Entrepalavras, v. 4, n.1. p.192-203. 2014. Disponível em:

http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/24220/1/2014_art_akpnascimento.pdf Acesso em: 10 jul. 2020.

NASCIMENTO, S. P. F. do. **Representações lexicais da língua de sinais brasileira: uma proposta lexicográfica.** 2009. 290 p. Tese (doutorado). Universidade de Brasília, Brasília, DF 2009 Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/6547> Acesso em: 10 jul. 2020.

OLIVEIRA, S. **Texto visual e leitura crítica: o dito, o omitido, o sugerido.** Linguagem & Ensino, Pelotas, v. 9, n. 1, p. 15-39, jan./jun., 2006.

REILY, L. **Escola inclusiva: linguagem e mediação.** Campinas, SP: Papirus, 2008.

ROJO, R. Materiais didáticos: escolha e uso. In: Boletim 14, MEC (ed.), **Materiais Didáticos: escolha e uso.** p. 03-11. 2005.

ROSA, C. C. da. **O ensino da matemática através da Libras para o ensino médio.** 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Matemática) - Universidade Federal do Amapá, Macapá. Disponível em: <https://www2.unifap.br/matematica/files/2017/07/O-ENSINO-DA-MATEM%C3%81TICA-ATRAV%C3%89S-DA-LIBRAS-PARA-O-ENSINO-M%C3%89DIO.pdf> Acesso em: 10 jul. 2020.

SÁ-LIMA, M. A. de C. **Desenvolvimento de videoaula de Ciências para estudantes surdos usuários da Língua Brasileira de Sinais.** 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis. Disponível em: <https://docplayer.com.br/80014547-Desenvolvimento-de-videoaula-de-ciencias-para-estudantes-surdos-usuarios-da-lingua-brasileira-de-sinais.html> Acesso em: 10 jul. 2020.

SPINK, M. J. P.; LIMA, H. Rigor e Visibilidade: A explicitação dos passos da interpretação. In: M. J. P. SPINK (ed.), **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano.** Aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro, Edição Virtual, p. 71-99. 2013.

TORI, R. **Educação sem distância: As tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem.** São Paulo: Editora Senac, 2010.

Recebido em 13 de setembro de 2020. Aprovado em 20 de janeiro 2021.

A **Revista Educação, Cultura e Sociedade** é uma publicação da Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil, iniciada em 2011.